

PRÓLOGO

Nunca me senti tão arrasado em toda minha vida; nunca me entristeci de tal maneira. Nunca me senti mais culpado, mesmo não sendo, de acordo com os outros, culpado pela situação.

Estava muito deprimido a ponto de ter que tomar tranqüilizantes para poder descansar.

Esse, sem dúvida, havia sido o pior dia de toda a minha vida. Eu não me sentia entre amigos, estava isolado - não por estar ausente de companhia, mas sim de mim mesmo. Eu estava com pena de mim mesmo, pensava em como eu poderia ter agido melhor caso eu não tivesse me metido em sua vida - poderia até ter evitado toda essa tragédia.

Não, não, eu não posso me culpar! não posso ser o responsável pela morte da garota que eu amava!

Amava? O que diabos eu entendo por essa palavra? Afinal, se eu aprendesse a me amar, a ter senso de mim mesmo, de minhas limitações, a respeitar a vontade alheia e parasse de fazer as coisas do modo que eu achasse melhor, nada disso teria acontecido.

Droga, lá vou eu de novo me culpando. Tenho que me conscientizar de que o único culpado está na cadeia e irá ter um julgamento justo. Mas justo para quem? Ele irá ao tribunal será julgado, se Deus quiser condenado, mas quem sofrera as maiores conseqüências não está mais entre nós, morrerá de forma amedrontadora, horrível, e o pior de tudo: apaixonada. De sua breve passagem por esse mundo - e que mundo é esse, Senhor? morreremos de forma absurda e termos nossa memória esquecida com o tempo? - só deixara um pequeno tesouro, uma pequena parte de si. Não um ou outro órgão doado pela família, mas sim uma vida, mesmo que pequena, uma vida que sempre nos lembraria a pessoa bela que a mãe fora; uma criança de seis meses, linda - a cara da mãe; do pai, só mágoa.

Uma coisa me preocupa: que destino terá essa criança, meu Deus, nesse mundo cruel, sem a presença da pessoa mais ligada a ela emocionalmente e, principalmente, alguém com quem sofreria todas as desgraças e alegrias da vida a não ser os avós? Seu pai a rejeitara mesmo antes de nascer, e de onde está não vai se preocupar com seu bem estar. Não iria se preocupar mesmo se estivesse mais perto.

Eu estava em casa, deitado em minha casa, olhando para a escuridão que tomava conta de meu quarto. Não pensava em coisa alguma, só em Gabriela. A água de meus cabelos escorria pelo meu rosto, assim como no travesseiro - eu havia acabado de sair do banho.

Eu não chorava, não por não querer; eu não conseguia, pelo menos não fisicamente. Meus olhos só não estavam mais secos devido à água morna do banho. Acho que eu já havia chorado por toda a minha vida, toda.

A porta do meu quarto foi abrindo-se lentamente de modo a deixar a luz do corredor cortar aos poucos a escuridão. Eram nove em ponto quando minha mãe perguntou se eu queria mais alguma coisa, outro comprimido, talvez. Respondi que não, apenas queria ficar sozinho.

- Tem certeza? – perguntou ela.

- Claro. Eu... eu vou ficar legal.

Ela sabia que eu não estava bem, mas não adiantava insistir; nada me faria sentir melhor. Pegou a toalha com que eu me enxugara há pouco, saiu e fechou a porta. Logo depois eu a ouvia dando ordens expressas a meus irmãos, para que eles não me incomodassem, que me deixassem quieto até pegar no nosso, mas isso dificilmente eu faria.

Alguns segundos depois tocou o telefone e em cinco minutos a campainha. Logo depois a porta do meu quarto foi aberta novamente e a luz foi acesa rapidamente, sem prévio aviso, ofuscando meus olhos, fazendo com que eu os protegesse.

- A mãe de Gabriela... Samantha me pediu para lhe entregar isso. Era ela ao telefone há pouco. Disse que isso poderia ser de eu interesse. O Jeferson que trouxe.

- Põe aí em cima da escrivaninha.

O que dela poderia me interessar mais que sua presença?

Minha mãe obedeceu e sentou-se ao meu lado. - Não pode ficar assim para sempre, meu filho, se martirizando!

- Então, de que jeito tenho que ficar? – perguntei, soluçando.

Ela não teve resposta, mas disse que eu não deveria me culpar por algo que, por mais trágico e triste que pudesse ser, teria sido por vontade de Deus.

- Deus?! O que Deus tem a ver com um assassinato?

Eu não falava coisa com coisa e o silêncio se fez.

- Se quiser algo, me chame; estarei em meu quarto.

Dito isto, minha mãe beijou-me na testa e saiu, fechando a porta.

Eu não me protegia mais da luz que ela deixara acesa e vi o quanto o quarto estava desarrumado - eu não deixei ninguém entrar lá desde o dia anterior. Pensei em dormir, mas o sono não vinha mesmo, então resolvi levantar, esticar as pernas e arejar o ambiente, uma vez que as janelas estavam fechadas há muitas horas. Resolvi também arrumar minhas coisas, que há muito não via no lugar.

Passei pela escrivaninha e vi que minha mãe deixara uma caixa. Dentro haviam algumas coisas de Gabriela, outras minhas e dela. Não queria mexer lá, talvez por não querer lembrar dela, evitando meu sofrimento. Mas não pude resistir; pior do que eu estava não poderia ficar. Não adiantava não querer lembrar dela, pois a mais remota das lembranças já rondava minha cabeça. Esses últimos dezesseis meses estavam como que um filme em minha mente, um filme que nunca terminava, apesar de sempre chegar ao fim.

Peguei a caixa e sentei-me na cama. Abri vagorosamente algumas das cartas que eu havia escrito para ela, mas não lia. Havia uma caixinha de veludo, dentro da qual estava o cordão de prata com a imagem de Nossa Senhora em madreperla que eu havia lhe dado no dia em que seria o mais feliz de nossas vidas. Vi nossa foto tirada em seu sítio naquele mesmo dia, o penúltimo *réveillon*, e a foto de todo o pessoal em seu aniversário de dezesseis anos. Nesse dia completávamos um mês de namoro.

Uma lágrima escorrera em meu rosto, uma perdida das outras, e seria a última que eu derramaria aquela noite, ou talvez pelo resto de minha vida. No meio de tantas lembranças boas, uma teria de ser desagradável; a maçã podre do pote: eu vira no meio de tantos bilhetes e cartas que eu lhe mandara, um bilhete que ela jamais deveria ter recebido, um bilhete que não fora escrito por mim, e que seria o último que leria. Eu não o li, mas não por saber exatamente o que estava dizendo, e sim porque não queria, em vão, lembrar da noite passada.

Pus a caixa de lado, não me interessava ficar lembrando daquela noite terrível, a pior de minha vida. Eu deveria pensar no meu futuro, na minha faculdade, que começaria em poucas semanas, e nem mesmo sabia onde a cursaria. Eu deveria estar em perfeito estado físico e mental para enfrentar aquela última etapa da minha vida estudantil, que nem mesmo sei como consegui alcançar.

Ao empurrar a caixa para o lado, vi algo que não tinha percebido antes; um livro pequeno, parecendo mais uma agenda feminina, com capa rosada coberta de adesivos pequenos. Deveria ter umas trezentas páginas.

Interessei-me profundamente por aquele livro; algo me dizia para pegá-lo e verificar do que se tratava.

Não perdi tempo. Abri cautelosamente e vi a primeira página datada de 10 de setembro daquele primeiro ano. Logo em seguida umas anotações sobre o que a dona havia feito durante aquele dia.

Espantei-me. Era o diário particular de Gabriela.

Folheando, vi que ela não escrevia todos os dias, apenas nos que algo de importante lhe acontecia, como se rescrevesse sua vida, mas selecionando as partes que mais lhe marcaram.

De alguma forma eu não me senti culpado ou intrometido por estar lendo aquelas linhas, escritas com a mais singela e clara das letras; as mais bonitas que já vi.

Um parágrafo escrito numa página datada de 14 de outubro me tocou muito:

“Não sei se estou apaixonada. Meu coração bate mais forte quando o vejo e sinto aquele frio no estômago. Ora, que ele é um gatinho é, é lindo! Uma gracinha! Mas não sei o que fazer...”